

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

PROF. HERMAN LUNDBORG — *Die Rassenmischung beim Menschen*
— Repr. from «Bibliographia Genetica», VII, Haia, 1931.

É um belo volume de mais de 200 páginas em que o ilustre director do Instituto de Biologia das Raças, de Upsal, o prof. H. Lundborg, resume duma forma sistemática, clara e atraente o que se sabe hoje sobre os cruzamentos das raças humanas e sobre os problemas directamente relacionados com esse assunto. Pode dizer-se que o trabalho do prof. Lundborg é um manual perfeitamente actualizado de biologia racial. Uma sua versão do alemão em francês, italiano, espanhol ou português, seria aconselhada para uma divulgação maior nos países latinos.

O autor, que não se poupou a esforços para recolher todos os elementos de informação, utilizando uma vasta bibliografia, os informes directos de muitos investigadores, e os resultados das suas próprias investigações, começa por uma erudita exposição da história do assunto, em que não omite naturalmente o que se refere a cruzamentos no mundo animal e vegetal, matéria esta a que nos capítulos seguintes alude também com frequência, pelo seu evidente interesse elucidativo e comparado. Passa sucessivamente em revista os métodos de investigação e as ciências auxiliares da biologia das raças, as aquisições fundamentais sobre a hereditariedade e cruzamentos no homem e nos outros seres, a formação de novas raças, a intensificação ou empobrecimento das variações (*luxurieren* e *pauperieren*), as constituições, os factos de domesticação, a dissociação dos elementos misturados (*Entmischung*), os caracteres físicos nos cruzamentos, a importância da sorologia na Antropologia e na Genética, a capacidade de resistência dos mestiços às doenças, a prolificidade dos mestiços, os caracteres psíquicos nos cruzamentos, as relações entre as manifestações culturais e a pureza ou impureza das raças. O prof. Lundborg põe em evidência os perigos dos cruzamentos étnicos, que a história, diz, mostra terem sido factores de decadência.

As suas conclusões são no sentido de se não confinarem as investigações antropológicas em medidas antropométricas cuja

insuficiência é manifesta, mas em se estenderem essas investigações à biologia das famílias, à hereditariedade normal e patológica, ao campo da sorologia, etc. Na sua opinião todos os países civilizados deviam erigir institutos de biologia das raças, impondo-se particularmente a intensificação das investigações e das medidas de eugénica nas regiões povoadas por indivíduos originários de estirpes raciais muito diversas, como na América. Trata-se duma questão fundamental na política do povoamento e para o futuro da civilização.

Não podemos deixar de subscrever estas conclusões, devendo entretanto acentuar que nos parecem ainda mal definidas as relações entre os cruzamentos raciais e os factos culturais e sociais. Mas, precisamente por essa obscuridade, convém não se estacionar na realização do excelente programa de pesquisas que com tanta proficiência é formulado pelo ilustre professor de Upsal.

MENDES CORRÊA.

M. AUGIER — *Squelette céphalique (morphogenèse, morphologie, craniométrie)*.

Acaba de aparecer um fascículo da 4.^a edição do Tratado de Anatomia de Poirier, Charpy, Nicolas.

A obra agora dada à estampa insere principalmente uma extensa memória em que o dr. M. Augier actualiza o velho tratado, na parte que se refere aos ossos do crânio.

Por mais que uma vez tive o prazer de visitar no seu laboratório o inteligente e laborioso chefe dos trabalhos práticos de Anatomia da Faculdade de Medicina de Paris, quando êle elaborava a sua obra. Vi como êle manejava tantas dezenas de peças preparadas expressamente pelo método de Spaltenholz e como êle recorria constantemente a uma rica bibliografia em que os investigadores portugueses não eram esquecidos.

Era, pois, com ansiedade que esperava o aparecimento da nova edição da craniologia do tratado de Poirier. E vejo agora, com prazer, que o seu autor conseguiu elaborar uma obra que, no assunto, é a mais completa que existe em língua francesa e que, d'ora-avante, não pode ser dispensada nas bancas de trabalho de nenhum anatómico.

A observação metódica e o sagaz raciocínio do dr. Augier conseguiram emendar muitos erros que, por vezes, estavam con-

sagrados em trabalhos de cientistas de renome. Crítico justiceiro, se bem que benévolo, Augier rectifica muitas noções, de acôrdo com a sua longa e acurada observação.

A parte mais original e mais ampla do livro é a que se refere ao desenvolvimento dos ossos, assunto que é versado com grande largueza, de acôrdo com as observações dum material riquíssimo preparado pelo autor.

É também importante a parte que, a propósito de cada osso, se refere às suas variações, as quais são devidamente classificadas, conforme a sua origem.

O volume termina por um extenso capítulo, que se ocupa da antropologia e, sobretudo, da craniometria.

Esta obra, escrita com a clareza e rigor científico que se notavam nas primeiras edições do Tratado de Poirier, foi agora extraordinariamente ampliada, sendo os assuntos de que trata perfeitamente actualizados.

Nesta revista cumpre-me assinalar, com grande satisfação, que o dr. Augier registou na sua vasta bibliografia muitas memórias dos anatómicos e antropologistas portugueses Serrano, Costa Ferreira, Mendes Corrêa, J. A. Pires de Lima, Américo Pires de Lima, H. Monteiro, A. Tavares, Barros e Cunha e C. Mascarenhas.

J. A. PIRES DE LIMA.

E. LOTH — *Anthropologie des Parties molles (muscles, intestins, vaisseaux, nerfs périphériques)* — Varsóvia, 1931.

Dedicado a sua espôsa e colaboradora e com um prefácio do sábio prof. sr. Arthur Keith, de Londres, acaba finalmente de ser publicada a obra, já anunciada havia alguns anos, do prof. E. Loth, ilustre professor e devotado Director do Instituto de Anatomia de Varsóvia, sobre Antropologia das Partes moles.

Neste livro, aquele anatomista, — bem conhecido e apreciado no nosso meio — em cujo serviço o Assistente da Faculdade de Medicina do Pôrto, sr. dr. Luís de Pina, realizou um estágio, como bolseiro da Junta de Educação Nacional, e que colaborou conosco nos trabalhos do Congresso Internacional de Antropologia, em Portugal reunido em 1930, — aproveitando as suas próprias investigações, os trabalhos dos seus assistentes e colaboradores e as publicações numerosas, esparsas pelas revistas da especialidade, relatando investigações levadas a cabo por anatómicos de

todo o mundo, traçou, em conjunto, o estudo das partes não ósseas sob o ponto de vista antropológico.

É para nós, portugueses, grato registar que já em 1911 o ilustre anatómico lisbonense, prof. sr. Henrique de Vilhena, no seu livro sobre «Músculos subcutâneos do crânio no tipo português humilde», apresentara as directrizes que em sua opinião deviam seguir-se para futuros trabalhos de Anatomia humana que nos pudessem elucidar sobre diferenças étnicas e raciais e outras ordens ainda, o que viria dar um novo impulso aos estudos anatómicos.

O livro do prof. Loth representa uma obra de paciente investigação e laboriosa compilação e crítica, pelo que deve ser, como de facto tem sido, recebido com o maior agrado e aplauso por todos os anatomistas e antropologistas.

A secção que preenche quasi todo o volume refere-se a miologia, assunto que tem sobretudo merecido até hoje as atenções dos investigadores.

Sobre esplanchnologia, vasos e nervos, como o próprio autor nos diz, são ainda pequenas as contribuições da literatura da especialidade, para que seja lícito tirar delas conclusões de valor. Constituem, pois, ainda tentativas, aliás muito curiosas e dignas de ser continuadas.

Como refere Wingate Todd, no último fascículo do *Anatomical Record*, deve o leitor da magnífica obra do prof. E. Loth estar precavido contra alguns lapsos que escaparam naturalmente na revisão das provas, notando-se, com efeito, por vezes percentagens trocadas e elementos de estatística deslocados; lapsos que o autor facilmente corrigirá em nova edição do seu belo livro.

HERNANI MONTEIRO.

H. ROUVIÈRE — *Anatomie des lymphatiques de l'Homme* — 1 vol. de 490 págs., ilustrado com 129 figs. Paris, 1932. Masson & C^o éd.

Muitas vezes, as necessidades da clínica determinam investigações no campo das ciências puras, fazendo-as avançar consideravelmente. Foi o que aconteceu com o estudo dos linfáticos, cuja distribuição e trajecto tem uma tão alta importância na cancerologia.

A patologia e a terapêutica do cancro exigiram um trabalho vastíssimo de revisão da anatomia do sistema linfático.

Um dos centros mais notáveis de estudo da morfologia deste sistema é o Laboratório de Anatomia na Faculdade de Medicina de Paris, dirigido pelo eminente e querido professor Rouvière. Este ilustre anatómico, rodeado de discípulos que o procuravam de todos os recantos do mundo, realizou, durante sete anos, uma obra tenaz e persistente e vem agora dizer ao mundo científico como a complicada rede linfática se distribui por todos os territórios do organismo.

O livro de Rouvière não só é o fruto de um trabalho aturado do seu autor e dos seus numerosos discípulos, mas é ainda uma síntese de todas as investigações que se tem realizado sobre linfáticos em todos os laboratórios do mundo, desde o seiscentista Asélio. A imponente bibliografia compreende nada menos de 768 trabalhos.

Infelizmente foi diminuta a colaboração dos Portugueses no estudo dos linfáticos.

A anatomia, como é sabido, foi muito pouco cultivada no nosso País até aos fins do século XIX.

No Pôrto só começou a trabalhar-se em Anatomia em 1825, quando se criou a Régia Escola de Cirurgia. Três disseectores de mérito criaram um valioso museu. Foram os três primeiros professores portugueses de Anatomia: Vicente de Carvalho, Bernardo Pinto e Pereira da Fonseca. Este último publicou, em 1865, o catálogo do museu, que incluía três preparações de linfáticos, elaboradas, pelo método de Sappey, por aquele professor e pelo prof. Costa Leite, futuro Visconde de Oliveira.

Essas peças, como a maior parte das que compunham o primitivo museu, perderam-se, no período de cerca de meio século, em que os estudos anatómicos caíram em decadência no Pôrto.

O primeiro trabalho português sobre linfáticos foi a valiosa tese do prof. Maximino Correia, de Coimbra, acerca do canal torácico. Esse trabalho foi publicado em resumo nas «*Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*» e é devidamente citado no livro do prof. Rouvière.

Verificando que, nos institutos de anatomia portugueses, se descurava o estudo dos linfáticos, a Junta de Educação Nacional mandou dois bolseiros seus trabalhar em tal assunto com o professor Rouvière. Foram os antigos assistentes do Instituto de Anatomia do Pôrto, drs. Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira.

O anatómico parisiense encarregou-os de estudar os linfáticos da base do pescoço e incluí no seu livro o resultado das investigações dos autores portugueses.

J. A. P. L.

J. A. PIRES DE LIMA — *Pigeons voyageurs syndactyles* — In «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», t. XI, 1930, págs. 81-82, 1 fig.; *Truite à colonne vertébrale raccourcie* — In id. id., págs. 47-48, 1 est. com 3 figs.; *Deux veaux monstrueux* — Sep. da «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigenensis», vol. VI, Coimbra, 1931, 3 págs., 3 est. com 4 figs.; *Morfogénese e Teratogénese* — Extr. do «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto», vol. I, Pôrto, 1931, pág. 191-196; *A distancia bicaruncular e a sua importância antropológica e teratológica* — Extr. do id. id., vol. I, Pôrto, 1931, págs. 133-142.

O ilustre prof. dr. J. A. Pires de Lima, director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, é sobejamente conhecido e apreciado pelos seus importantes trabalhos sobre o tão interessante capítulo da anatomia que é a teratologia. No primeiro dos estudos de que damos notícia, descreve o A. uma curiosa anomalia das patas dum casal de pombos correios, consistindo na presença duma membrana interdigital que ligava o terceiro e o quarto dedos de ambas as patas na pomba, só da pata direita no pombo.

Uma truta (*Salmo fario*) que figura no Museu do Instituto de Anatomia, tem uma morfologia anormal que bem se nota nas gravuras que ilustram o trabalho que sobre ela elaborou o professor Pires de Lima. Pela radiografia publicada ao lado das gravuras referidas, averiguou o A. que aquele curioso exemplar de truta devia a sua morfologia particular a quatro curvaturas anormais da coluna vertebral. Num excelente trabalho de P. D. Malloch, *Life-history and habits of the Salmon sea-trout, trout, and other freshwater fish*, London, 1912, veem publicadas a págs. 268 e 269 duas gravuras de trutas anómalas em tudo semelhantes à que o prof. Pires de Lima estudou.

O estudo *Deux veaux monstrueux* descreve um caso de notomelia ou seja a presença duma pata supranumerária, terminada por 5 unhas, e implantada no dorso duma vitela, e um caso raro de ectromelia torácica direita de que era portadora uma outra vitelinha, em que além da ausência do membro anterior direito, se registava a ausência do menor vestígio de cauda. O esqueleto da região lombo-sacrada e da região escapular desta última é ainda descrito pelo A.

A morfogénese e a teratogénese preocuparam desde sempre os homens de ciência. Desde o velho conceito que dava como

causa das anomalias e das monstruosidades a acção do diabo ou o castigo de Deus até aos modernos trabalhos de teratogénese experimental, várias teem sido as causas evocadas como agentes teratogénicos. Entre elas as perturbações das secreções internas, a que o A. se refere nas considerações gerais que faz de início, foram certamente as que maior número de partidários arregimentaram. No presente trabalho o sábio prof. dr. J. A. Pires de Lima menciona uma larga série de casos de sua observação pessoal, em que pôde averiguar a causa provável das anomalias ou monstruosidades em questão. Põe assim em destaque o valor teratogénico de certas doenças e conclui: «... é indubitável que a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo exercem uma acção teratogénica bem nítida na espécie humana, ao menos na produção de anomalias nos membros».

Na última publicação, levada a efeito com a colaboração do sr. dr. Luís de Pina, faz-se, como o título o indica, o estudo da distância bicaruncular. São curiosas as considerações que sobre teratologia e monstruosidades respeitantes às dimensões do tractus inter-orbitário, se apresentou nas primeiras páginas. A 2.ª parte do trabalho consta de grande número de observações realizadas pelo sr. dr. Luís de Pina, não só no vivo como na caveira, em indivíduos normais, e em anormais e delinquentes, quer em portugueses quer em franceses e italianos. Estas últimas mensurações foram colhidas pelo sr. dr. Luís de Pina em Paris e Bolonha quando bolseiro da Junta de Educação Nacional naquelas duas cidades.

O total de número de casos estudados é de nada menos de 962, e mais um certo número de crânios de indígenas das colónias portuguesas, número que por lapso não vem referido.

Sobre tão larga série deduzem os A.A. várias conclusões: estabelecem a diferença entre o homem vivo e a caveira quanto às dimensões do diâmetro bicaruncular; dão para as raças inferiores e degeneradas um diâmetro biorbitário interno menor que o das outras raças; além doutras considerações sobre os valores obtidos para as séries de normais e delinquentes, concluem ainda que nenhum caso de hipertelorismo (diâm. biorb. int. = 5^{mm}) foi observado.

SANTOS JÚNIOR.

VITOR FONTES—Notas relativas ao tronco arterial braqu coastafico, arterias carotidas primitivas, tiroideias superior, inferior e de Neubauer, e algumas variações de origem de alguns ramos da crossa aortica, no tipo portugues humilde—Sep. do «Arquivo de Anatomia e Antropologia». Vol. XIV, Lisboa, 1931.

Sobre observações do antigo assistente do Instituto de Anatomia de Lisboa, dr. Rita Martins, acaba o sr. dr. Vitor Fontes de publicar no «Arquivo de Anatomia e Antropologia», da direcção do illustre anatomista prof. sr. dr. Henrique de Vilhena, um extenso e bem documentado estudo acerca da disposição de certos vasos arteriais mais ou menos próximos da crossa da aorta. É, pois, este trabalho uma contribuição para a angiologia dos Portugueses, elaborado na orientação que o sr. prof. Henrique de Vilhena imprimiu às investigações no Instituto que distintamente dirige.

Foram dissecados 87 cadáveres (45 ♂ e 42 ♀) de diferentes idades (dos dezoito meses aos cento e um anos), predominando os individuos adultos, dos quais se anotaram a naturalidade, profissao e causa da morte.

O dr. Vitor Fontes estuda pormenorizadamente o comprimento das carotidas primitivas, o comprimento e perimetro do tronco arterial braqu coastafico, o nível da bifurcação das carotidas primitivas (relacionado com o bordo superior da cartilagem tiroideia), a origem da arteria tiroideia superior, a relação do cordao do grande simpatico com a arteria tiroideia inferior, a arteria tiroideia de Neubauer e outras arterias tiroideias acessórias, e termina por apresentar diversas variações de origem de alguns ramos da crossa aortica, que explica à luz dos dados fornecidos pela Embriologia.

O estudo do sr. dr. Vitor Fontes é enriquecido com numerosos graficos, quadros e figuras e fecha com a bibliografia consultada, que compreende 73 números.

O capitulo mais extenso é o que se refere à arteria tiroideia de Neubauer e outras arterias tiroideias acessórias, de que são descritos varios casos observados, com a menção da respectiva origem, trajecto e terminação.

Não se esquece o autor, no decorrer das setenta paginas do seu trabalho, de salientar o interesse pratico que as disposições anatomicas descritas oferecem na clinica, como fez por exemplo ao tratar das relações do grande simpatico com a tiroideia inferior, chamando particularmente a atenção dos operadores para o valor das relações dos vasos com os nervos. Efectivamente, a cirurgia nervosa tem sofrido nos últimos anos um impulso e um

adiantamento que justificam as considerações expendidas a tal propósito pelo dr. Vitor Fontes.

H. M.

J. RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR—Um caso de preplex camptodactilo esquerdo — «Anais da Faculdade de Ciências do Porto». Extr. do tomo XVII.

Nesta memória o autor estuda um caso de hexadactilia pronunciada pela existência dum preplex esquerdo, que eleva a 10 o número de casos desta espécie reconhecidos em Portugal.

Trata-se dum dedo supranumerário, implantado no bordo radial da mão esquerda e anexado ao plex normal. O dedo anormal é dobrado em angulo recto (camptodactilo), havendo certa dependência funcional entre os dois polegares. O autor estudou cuidadosamente todas as circunstâncias desta curiosa anomalia, aliás não muito frequente, mas cuja disposição é diferente conforme os casos.

Como apoio documentário e bibliográfico, o autor cita os trabalhos notáveis do prof. J. A. Pires de Lima e Dubreuil-Chambardel. Uma fotografatura fornece o documento-imagem deste caso.

BETHENCOURT FERREIRA.

H. V. VALLOIS—Les empreintes de pieds humains des grottes préhistoriques du midi de la France — «Palaeobiologica». IV band. Wien, 1931.

Já nos referimos nesta revista aos valiosos trabalhos do prof. Vallois sobre impressões de pés humanos no solo dalgumas grutas francesas que são estações prehistóricas («Trabalhos da S. P. de A. e E.», t. IV, pág. 427). A presente monografia é um importante estudo de conjunto sobre as impressões averiguadamente humanas na gruta de Cabrerets (Lot), na de Ganties-Montespan (Alto-Garona) e na do Tuc d'Audoubert (Ariège).

Todas as impressões são de pés nus, e a maioria delas de crianças. Indicam nos adultos uma estatura moderada. O dedo grande não era afastado dos outros, mas, ao contrário do que sucede nos Europeus actuais, era as mais das vezes mais curto

do que o segundo dedo. Na marcha os dois pés eram colocados na posição paralela e não, como nos Europeus de hoje, em posição divergente.

O ilustre professor de Toulouse explica a abundância relativa de impressões infantis pela realização de ritos de iniciação por motivo da puberdade.

M. C.

GEORGE GRANT MAC CURDY — **Recent progress in the field of Old World prehistory** — Separata dos «Proceedings of the American Philosophical Society», 1930.

O ano de 1930 pode considerar-se como o do 1.º centenário do nascimento da Prehistória como ciência, pois foi em 1930 que o dinamarquês Thomsen aplicou o seu novo sistema de cronologia pré-histórica às colecções do Museu Nacional do seu país. Frisando este facto, o ilustre antropólogo e prehistoriador americano examina em seguida o estado dos conhecimentos sobre a correlação dos períodos glaciários com a cronologia pré-histórica, salientando os recentes progressos introduzidos por Breuil e Reid Moir, e passa às investigações sobre a idade da pedra realizadas em Fayum (Egito), na Mesopotâmia, em França (em que se ocupa sobretudo dos estudos de Peyrony na Dordogne), em Chou Kou Tien (o *Sinanthropus* de Peking), em Saccopastore (crânio neandertaliano de Roma), na Tchecoslováquia, e enfim em matéria de arte quaternária (estatuetas femininas de Irkutsk e Savignago, descobertas de L. Bégouen em Trois-Frères, bastão de comando de El Pendo, etc.), de arte neolítica na China e de arte da cerâmica ibérica (estudo de Obermaier e Heiss na colecção de Archena). Ainda são consagradas algumas páginas aos trabalhos da Escola Americana no Irak e na Palestina. Nesta última, uma camada mesolítica forneceu dez esqueletos que serão estudados por Arthur Keith. Este facto interessará todos os que teem dedicado a sua atenção aos espécimes mesolíticos da Europa, como são os de Muge.

Embora naturalmente sumária, a revista feita pelo prof. Mac Curdy é de muita importância e interesse.

M. C.

L. JOLEAUD — **Le Laboratoire de Paléontologie humaine de la Quina et les récentes découvertes préhistoriques du docteur Henri Martin, dans les Charentes** — Sep. dos «Annales de l'Université de Paris», s. d.

Desde 1905 o dr. Henri Martin vem reunindo no seu importante laboratório de paleontologia humana, em Peyrat (Charente), elementos preciosos de investigação, de que o prof. Joleaud dá neste artigo uma sugestiva resenha sumária. A parte fundamental do pequeno museu anexo a esse laboratório em que se fazem as mais interessantes investigações, é constituída pelas peças quaternárias de La Quina e de Roc, os dois principais lugares explorados pelo eminente prehistoriador.

Sucessivamente, o prof. Joleaud descreve a jazida mustierense de La Quina, (onde as escavações do dr. Martin incidiram principalmente não sobre os depósitos do interior das grutas, mas sobre os depósitos feitos ao ar livre à entrada destas, ao longo das falésias que dominam o vale), os esqueletos de La Quina, os costumes primitivos, o jazigo solutrense do Roc, o belo friso, insculpido em baixo relêvo, encontrado neste jazigo.

Segundo o dr. Martin, a domesticação dos animais remontaria ao mustierense e não apenas ao neolítico, como em geral se supõe. Essa domesticação teria começado pelo cavalo, pela rena e pelo cão. As falanges de rena encontradas em La Quina apresentariam vestígios de mordeduras de canídeos nos animais vivos. Dentes de cavalo apresentam lesões análogas às produzidas hoje pelo *tique*, mania particular dos animais atrelados.

O prof. Joleaud, que teve o prazer de mostrar aos seus alunos a documentação reunida pelo dr. Martin, salienta no seu relato cheio de interesse a importância destes centros de estudos regionais.

M. C.

A. BASTIN — **Introduction aux études préhistoriques dans le Département des Ardennes. La paléontologie du quaternaire** — Extr. do «Bulletin de la Société d'Histoire Naturelle des Ardennes». XXIII, 1928. 11 págs. e 1 mapa; **Notes complémentaires sur la paléontologie du quaternaire dans le Département des Ardennes** — Id. 1929. 16 págs. e 4 ests.

A ponderação e o método com que o A. encara o estudo científico da prehistória das Ardennes, prevendo que só dentro de vinte anos se poderão estabelecer sínteses precisas, são exempla-

res. Para que as investigações sejam convenientemente orientadas, tornam-se indispensáveis inventários regionais da natureza destes, onde são descritos achados de mamíferos fósseis quaternários de trinta e seis localidades e registada a respectiva bibliografia. É importante o estudo dos restos de *Elephas*, sobretudo a diagnose de alguns molares pelo índice laminar.

R. DE SERPA PINTO.

ANTÓNIO SERRANO — Los primitivos habitantes del territorio argentino — I vol. Buenos-Aires, 1930, 215 págs., 149 figs. e 1 mapa.

António Serrano, professor de arqueologia americana na Universidade Nacional del Litoral e Director do Museu de Paraná, no volume de que damos notícia, faz, com mão de mestre, uma excelente resenha da arqueologia argentina. Fala-nos da prehistória propriamente dita, dando-nos belas gravuras de monumentos megalíticos, de petroglifos vários, fragmentos e objectos de cerâmica, instrumentos de pedra e osso e outros utensílios prehistóricos. Fala-nos também da arqueologia histórica, baseado em alguns trabalhos que dão notícia das tribus, seus hábitos e costumes existentes ali, antes da influência civilizadora e cultural espanhola a quando da colonização e conquista.

São dignos de registo os informes antropológicos, embora apenas descritivos, que nos fornece dos vários grupos étnicos que primitivamente ocupavam o território argentino. Como o próprio A. declara, não é tarefa pronta dar uma síntese desses agregados étnicos. Baseado em documentos antigos e nos ensinamentos que a arqueologia, a etnologia e a lingüística podem fornecer, o A. estabelece dez agrupamentos étnicos para o território argentino.

Eis os nomes desses agrupamentos ou «regiones»: «diaguíta, huarpe-comechingona, atacama, omaguaca, chaco-litoral, guaraní, pampásica, araucana, patagónica e de los archipiélagos meridionales».

Cada um destes agregados étnicos é tratado especialmente em outros tantos capítulos, sob o ponto de vista da arqueologia, habitat, costumes e grau de civilização das diferentes tribus e ainda das relações étnicas e culturais entre as mesmas.

Fecha o consciencioso e belo trabalho do prof. A. Serrano, uma extensa bibliografia que compreende nada menos de 282 números.

S. J.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Cale e Portucale — «Revista Lusitana», t. XXVIII.

Contra a opinião de Alberto Sampaio, o A. entende, baseado nos Fragmentos das Histórias de Salústio, que *Cales* (*Calem* ou *Cale* do Itinerário de Antonino) era uma *civitas* da margem direita e não da margem esquerda do Douro. O *Portucale castrum antiquum* das actas de Lugo ou a *villa de Portugal* do n.º 25 dos *Dipl. et Chartae*, que existiram na margem esquerda, teriam sido posteriores. O adjectivo *antiquum*, oposto a *novum* do castro da outra margem, não significa, na opinião do sábio fundador do Museu Etnológico, senão que a *fortificação* da margem direita era mais recente. Das duas povoações chamadas *Portucale* (como *Montemor o Velho* e *Montemor o Novo*, *Torres Vedras* e *Torres Novas*) a mais antiga seria a da margem direita. A esta, ao Porto de hoje, corresponderia a *Cales* de Salústio (*civitas in Gallaecia*), a *Cale* ou *Calem* do itinerário do séc. IV, o *Portucale locus* ou *Portucale castrum* de Idácio (séc. V), o *Portucale castrum novum* das actas lucenses (séc. VIII-XI e não da época, do séc. VI). O *Portucale* correspondente a Gaia, citado nestas actas, ter-se-ia, apesar da indicação *castrum antiquum*, formado depois do séc. V, quer dizer, depois do texto de Idácio.

Não apenas como portuense que sou e a quem uma vetusta origem do seu burgo seria grata, mas como apreciador de seguras deduções históricas, li com interesse e simpatia o artigo do prof. L. de V. É assunto a que volverei breve em artigo especial, fundado em elementos novos. Estes confirmam o parecer de que se deve localizar a povoação de Cale na margem direita do Douro.

M. C.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Povoamento de Portugal — Lisboa, 1930.

Este valioso trabalho que é um excerto da *Etnografia Portuguesa*, livro em preparação, trata da acção do governo central, desde o princípio da monarquia e mesmo desde a época astúrico-lionesa, no povoamento do nosso território, fundando povoações, concedendo privilégios, dando forais, estabelecendo coutos, erigindo castelos em *terras desertas*, etc.

Na *Etnografia*, o sábio investigador tratará também de povoações que datam dos tempos lusitano-romanos ou lusitanos, de

povoações nascidas de *villae* medievais, de povoações de origem arábica, de povoações devidas a personagens privadas, a ordens religiosas, a prelados, à agricultura, comércio e indústria, a romarias, a estabelecimentos hidroterápicos e praias de banhos, a vias de comunicação, etc.

Ajuíza-se facilmente, pelo excerto publicado, da importância fundamental do livro que o sr. prof. Leite de Vasconcelos está escrevendo.

M. C.

M.^{me} MARCELLE GEORGES VICREY — *Le Madras'en* — Sep. do «Bull. de la Société de Géogr. d'Alger et de l'Afrique du Nord» — Argel, 1931.

No fundo da planície de El-Mader, ao norte das montanhas do Aurès, a 100 quilómetros de Constantina, ergue-se no meio duma vasta necrópole um monumento cilindro-cónico, que uns chamam o «Túmulo dos Reis da Numídia», outros o «Mausoleu de Madrès», outros enfim o «Madrás'en». Esta palavra é o plural de Madrès, nome do progenitor da tribo berbere dos Madghis. Decerto o plural indicaria tôda a necrópole.

M.^{me} Vicrey (*née* Weissen-Szumlanska) descreve o monumento que é deveras curioso e que foi já objecto de várias interpretações. A autora exclui a de que se trataria do túmulo de Massinissa, mesmo a de que se trata dum qualquer monumento sepulcral. A seu vêr, Madras'en tem afinidades com as pirâmides egípcias e mexicanas e, como ela entende para estas, seria um templo iniciático de antigos cultos solares. As dimensões interiores não se compadecem com a sua atribuição a depósito de sarcófagos reais, com os respectivos mobiliários e tesouros. As sepulturas estavam em volta, como mais tarde se fizeram enterramentos em tôrno das igrejas.

Atingido pelo fogo e por outros agentes da destruição, o Madras'en teria sido, segundo a autora, objecto das mutilações mais graves, num período de exaltação religiosa, como na época de Maxêncio e dos donatistas, ou seja, no IV século da nossa era.

Abandonando a objectividade científica da primeira parte do seu trabalho, M.^{me} Vicrey lança-se numa tentativa de elucidação do mistério de Madras'en, inspirada «no amor do passado teosófico dos povos». Não há, porém, simples imaginação nas suas considerações finais sobre a morte do monumento, porque a autora procurou utilizar os «vestígios, as lendas locais e os escritos

antigos». Mas, quando na evocação feita haja sobretudo a revelação dum poder imaginativo intenso que supre com prodigalidade as lacunas dos nossos conhecimentos positivos sobre o significado do monumento em questão, nem porisso o trabalho de M.^{me} Vicrey, que revela um espírito culto e vivo, deixa de se ler com interesse e agrado, como o seu estudo sumário sobre os Inkas, baseado na memória de M. Baudin sobre o «Império Socialista dos Inkas».

M. C.

COMTE BÉGOUEN — *A travers le Hoggar* — «Bull. des Amitiés Franco-Étrangères». Toulouse, 1931.

O ilustre professor de Antropologia Prehistórica na Universidade de Toulouse descreve num artigo de inegável encanto literário as suas impressões da visita ao Hoggar, como membro da missão saariana, de que fizeram também parte F. Benoît, o prehistoriador distinto da Missão científica francesa em Marrocos, e o dr. Kossovitch, o eminente hematologista do Instituto Pasteur de Paris, um e outro, hóspedes de Portugal, como o conde Bégoüen, por ocasião do Congresso Internacional de Antropologia em 1930.

O conde Bégoüen não entra, neste artigo, em detalhes dos seus trabalhos arqueológicos no Hoggar. Dá-nos apenas as suas impressões gerais do deserto, dos oasis, das povoações, das paisagens, das populações, dos costumes. É uma súpula cheia de interesse e poder descritivo.

A exposição dos trabalhos científicos propriamente ditos tem sido feita pelo autor em conferências de grande êxito na França e na Bélgica e pelo dr. Kossovitch e Benoît em comunicações importantes ao Congresso de Antropologia de Paris. Hóspede dos barões Luis Bégoüen no seu acolhedor castelo da Ariège (Pirineus), em Abril de 1931, tive ensejo feliz de examinar algumas peças prehistóricas recolhidas pelo seu pai e sogro conde Bégoüen, por ocasião da expedição saariana. Os produtos da colheita científica realizada por esta figuraram também na Exposição Colonial de Paris. Pôde assim verificar-se o grande valor da tarefa levada a efeito no Hoggar pelo conde Bégoüen, por Kossovitch e Benoît.

M. C.

L. JOLEAUD — *Le rôle des singes dans les traditions populaires nord-africaines* — Extr. do «Journal de la Soc. des Africanistes». Paris, 1931.

O sábio naturalista dá-nos uma importante síntese sobre os vestígios, na África do norte, dum totemismo prehistórico em que o totem seria uma espécie simiana. Tradições populares, textos antigos, a distribuição geográfica dessas espécies, os achados de seus restos fósseis, são factos examinados com alta proficiência pelo eminente professor da Sorbonne, nesta memória do mais sugestivo interesse.

O autor começa por estudar as designações dos símios nos dialectos da África menor, registando interdições curiosas de vocabulário, e constata a existência de nomes de símios na toponímia norte-africana, relacionando-a com a feição totémica da topologia berbere. Em Marrocos, um velho fundo de tradições totémicas se refere ao macaco, havendo a NO do país, em plena região Djehala, uma fracção dos Ghomara que se designa *Beni Ouktha*, ou seja «filhos do Macaco». O mesmo sucede no centro da África menor, na grande Kabilia, onde os símios, ainda numerosos, figuram nalgumas tradições como uma raça de homens decaídos, privados da palavra por terem incorrido na cólera divina.

A leste da Argélia e na Tunísia os símios teem desaparecido, devendo atribuir-se ao homem um papel importante nesse facto. A construção de caminhos de ferro tem feito diminuir o número de símios nalguns pontos. É interessante que a atitude das populações relativamente aos símios é diversa. Em geral temem estes animais e não lhes tocam, nem os seus nomes pronunciam. Outras não hesitavam em mata-los e serviam-se deles até para alimento. Este último facto não está em contradição com o carácter totémico das tradições relativas áqueles animais, pois haveria decerto a intenção de assimilar dêsse modo as suas qualidades, de regenerar o princípio vital do clan.

Após um excelente capítulo sobre os cinocéfalos e cercopitecos na antiga zoolatria egípcia, o autor conclui que as tradições dêsse género relativas aos símios se não circunscreviam ao Egipto, antes tinham uma extensão muito ampla e uma longínqua antiguidade na África do norte em geral.

Algumas passagens do estudo do prof. Joleaud referem-se à tradição moira sobre os símios de Gibraltar, segundo a qual os macacos conheceriam uma passagem subterrânea entre Marrocos e Gibraltar. Esta tradição foi algumas vezes apresentada como um argumento em favor da autoctonia dos símios nos rochedos de Gibraltar. Mas, para o autor, é difícil saber se êles fôram im-

portados ou indígenas. Os pareceres dividem-se. Não se trata evidentemente de discutir a regeneração conhecida dêsses macacos com a importação de casais rifeños no século XIX. O topónimo *Monkey's Cave* e a alusão no fim do século XVIII a crânios fósseis de macacos encontrados profundamente em brechas calcáreas, militarism, como a tradição moira indicada, em favor da tese da origem local. Mas, segundo Joleaud, as investigações paleontológicas modernas em Gibraltar teem fornecido muitas espécies de mamíferos, entre as quais não figuram símios, e os autores da antiguidade não falam dêstes naquela região, antes se alude, por exemplo, em Estrabão ao facto de Possidónio de Apamea, ao regressar de Cádiz, se divertir muito com a vista de colónias de símios nas costas norte-africanas. Se êle tivesse visto macacos em Gibraltar, diz o prof. Joleaud, não se surpreenderia tanto com os do norte da África. Albufeda, no século XIII, também não cita macacos na lista de animais da Andaluzia.

Ocorre-me uma possível referência antiga a macacos daquela região. O Livro I dos Reis, do Antigo Testamento, diz que as naus de Tarschisch (Tartesso) traziam ouro, prata, marfim, *macacos* e pavões reais (Vd. Schulten e Bosch, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, Barcelona, Berlim, 1922, pág. 157). Mas, do mesmo modo que o marfim e os pavões reais, podiam os macacos não provir daqueles sitios, tratando-se antes de produtos dum tráfico com outras regiões mais ou menos longínquas. O problema é talvez insolúvel, mas parece-me que o texto em questão pode ser invocado neste debate.

M. C.

LUÍS CHAVES — *Páginas folclóricas — III. A rosa na lírica popular* — Separata da «Revista Lusitana», vol. XXIX. Pôrto. 1931. 48 págs.

Temos em cima da nossa mesa de trabalho mais um estudo etnográfico do sr. Luís Chaves. Estamos em presença, portanto, dum assunto que, como de costume, é tratado com brilho e probidade pelo ilustre etnólogo português.

É o 3.º capítulo, chamemos-lhe assim, das suas «Páginas folclóricas» e versa o sugestivo tema «A rosa na lírica popular».

O autor discute, baseado em numerosas cantigas, este aspecto tão curioso do lirismo popular.

Este trabalho foi publicado na «Revista Lusitana». Os dois

primeiros capítulos tem por título respectivamente «A Canção do Trabalho» e «A Sinfonia das côres ou o arco-iris da gama popular», separatas da «Revista Lusitana», vol. XXI e da «Nação Portuguesa», série V, tomo II.

Esperamos com interesse a continuação das suas «Páginas folclóricas», que os cultivadores de assuntos etnográficos muito lucrarão em ler.

F. C. PIRES DE LIMA.

F. BOUZA-BREY — Nomes Galegos da *Digitalis Purpúrea* L. — Separata do n.º 95 do Boletín Nós. 1931. Publicacións Galegas e Imprenta Hortas, 20. Santiago. 4 págs.

Nota altamente curiosa em que o eminente etnógrafo sr. dr. Bouza-Brey nos apresenta e discute os diferentes nomes pelos quais a «*Digitalis Purpúrea* de Lineu» é conhecida na Galiza. Tem para nós portugueses, muito interesse. E é curioso ver que, não só na forma erudita mas também na forma popular, existe uma semelhança bastante grande na sinonímia, o que é natural, devido às afinidades do povo português e do galego.

Assim, a contrapor à «*dedalera*», como nos diz o autor ser conhecida em Castela, nós temos em Portugal, entre outros, os seguintes vocábulos: «*dedaleira*», «*digital*», «*herva dedal*» e «*herva de campainhas*». No Minho é conhecida esta planta pelo termo popular de «*triclitraque*». Na Galiza por «*belitroques*», «*estraloques*», etc. Vê-se, pelo trabalho de Bouza-Brey, que a formação destes vocábulos se fez como em Portugal, baseando-se no estalido que se ouve quando se aperta a corola da «*digitalis*» e se bate contra a palma da mão. Apenas o domínio da terminação «*oque*» das expressões populares galegas é substituída no Minho pela terminação «*aque*».

Resumindo: trabalho triplamente curioso, quer para os etnógrafos, quer para os botânicos, quer para os filólogos.

F. C. P. L.

ANTÓN FRAGUAS FRAGUAS — Do Folk-Lore de Armeses-Listanco — Separata do n.º 96 do Boletín Nós. 1931. Publicacións Galegas e Imprenta Hortas, 20. Santiago. 8 págs.

Há hoje na Galiza um importante centro de investigações etnográficas. Um curioso trabalho do sr. Antón Fraguas Fraguas, que temos presente, é uma interessante miscelânea onde são anotados e discutidos alguns aspectos folclóricos. Trata-se dum esboço que será um dia ampliado em novos trabalhos, como nos diz o autor. Neste opúsculo são versados os seguintes assuntos: O Muiño, Crencias encol das bruxas, O roubo do muiño, A esmola do San Bieito, A entrada no Ceo, O habito do morto, Doña Mariquita, Trabalingsos e Cancioiro.

F. C. P. L.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — Folclore de S. Simão de Novais — Sep. da rev. de cultura «Pátria», 16 págs., Gaia, 1932.

Amplio registo folclórico de 57 orações, as mais delas eivadas de respeitoso sentimento católico. Outras, dentro ainda da simbólica cristã, são duma ironia, inocente é certo, mas jocosas na verdade.

Assim sucede p. ex. com aquela que o A. regista a pág. 13, com o n.º LV, que, por espalhada de norte a sul do país, é conhecida de toda a gente. Ei-la: Pelo sinal — bico real — comi toucinho — fez-me mal. — Se mais me dessem — mais comia — Adeus compadre — até outro dia.

Neste mesmo trabalho o A. publica ainda uma dúzia de quadras religiosas, que não tinham sido registadas no «Cancioiro de S. Simão de Novais». (Vd. «Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol.», vol. IV, pág. 345).

Pena é que, dando o A. uma lista bibliográfica final, o não faça com a indicação de página, apontando quais as orações de que os diferentes autores deram já publicação, para assim poderemos ajuizar da dispersão de cada uma.

S. J.

A. VAN GENNEP — *Incantations médico-mágiques em Savoie* — Ext. de la «Revue Annecy, Lac d'Annecy et Vallée de Thônes». Annecy, 1928, 15 págs.

Neste trabalho de etnografia comparada o A. estuda alguns ensalmos da Sabóia com caracter de magia directa, pois que a sua virtude curativa reside nas palavras do próprio ensalmo, não sendo por isso necessário que os mesmos sejam proferidos por determinado individuo gozando de poderes especiais.

Faz o estudo comparativo com ensalmos semelhantes da Suíça romanche.

Os ensalmos em questão aplicam-se ao tratamento de quemaduras, hemorragias, distensões, entorses e belidas (nefeliones).

S. J.

LUÍS DE PINA — *A terapêutica provinciana de há cem anos* — Sep. do «Portugal Médico», n.º 9 de 1931. Pôrto, 1931, 8 págs.

O dr. Luís de Pina, que para a História da Medicina portuguesa tem já um largo contributo de bons trabalhos, dá-nos naquele que analisamos agora, uma síntese das drogas e receituário registados num curioso manuscrito que pelas datas nêle assentes serviu pelo menos de 1771 a 1829. É opinião do A. que êste livro foi pertença de um ou mais boticários de Guimarães, constituindo uma espécie de «*aide-mémoire* do farmacoco».

Dentre as 414 espécies ou substâncias registadas com respectivas doses no velho manuscrito e transcritas pelo A., respigamos como pano de amostra esta dúzia: Alcaçus — Bálamo católico — Barro de Estremoz — Côdeas de pão relão — Excremento de porco — Gralhas em pó — Leite virginal — Óleo de minhocas — Óleo de pedra — Sangue de crista de galo preto — Truciscos de Minho — Unguento basilicão.

Na extensa lista figuram muitas plantas ou suas raízes e fôlhas ou flores e frutos. Lá figura a «raíz de lírio roxo em pó» que me fêz recordar uma receita da autoria dum célebre barbeiro trasmontano, que sistematicamente a prescrevia para múltiplas doenças e um farmacêutico seu cúmplice aviava de pronto.

Ei-la: Raspas de lírio florentino e gêmans (sic) de ovos, uma garrafada.

Na 2.ª parte do trabalho o dr. Luís de Pina transcreve algumas das fórmulas registadas no manuscrito em questão e preceituadas por 3 médicos vimaranenses do fim do século XVIII e primeiro quartel do século XIX.

S. J.

LUÍS DE PINA, ALVARO RODRIGUES & SOUSA PEREIRA — *Relatórios das viagens de estudo* — Pôrto, 1931.

Como bolseiros da Junta de Educação Nacional, realizaram os Assistentes de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, drs. Luís de Pina, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira, em 1930, uma viagem de estudo ao estrangeiro, da qual dão conta pormenorizada em elucidativos relatórios que acabam de ser distribuídos.

O dr. Luís de Pina frequentou, durante quatro meses, os serviços de Anatomia e Antropologia dos profs. Vallois (Faculdade de Medicina de Toulouse), Papillault (Escola de Altos Estudos de Paris), Anthony (Museu de História Natural de Paris) e E. Loth (Faculdade de Medicina de Varsóvia), onde colheu elementos que o habilitaram a empregar técnicas seguras nas investigações antropológicas das partes ósseas e não ósseas para o estudo do tipo português e suas modalidades.

No seu relatório descreve o dr. Luís de Pina as instalações dos serviços de Anatomia e Antropologia que visitou em Toulouse, Paris, Poznan e Varsóvia.

Os estágios dos drs. Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira foram efectuados em conjunto, tanto em Paris como em Estrasburgo, onde trabalharam com os profs. Rouvière (investigações sobre o sistema linfático), Leriche e Fontaine (Cirurgia experimental) e Bouin (estudo da inervação das glândulas sexuais).

O dr. Álvaro Rodrigues descreve as instalações dos serviços de Anatomia de Bordeus, Paris, Nancy, Estrasburgo, Amesterdão e Bruxelas, e elucida-nos acerca da orientação e métodos de ensino daquela ciência.

O dr. Sousa Pereira relata a organização e as instalações dos serviços de Medicina operatória das Faculdades de Medicina de Bordeus, Estrasburgo, Nancy e Paris, e de Cirurgia experimental da Clínica Cirúrgica do prof. Leriche (Estrasburgo), e do Instituto do Cancro e da Faculdade de Medicina de Paris.

O estágio dos drs. Alvaro Rodrigues e Sousa Pereira terminou com uma viagem a Amesterdão, onde foram tomar parte nos trabalhos da XXV reunião da Associação dos Anatômicos, a que apresentaram comunicações.

Os relatórios dos 3 bolseiros da Junta de Educação Nacional formam um volume, profusamente ilustrado e belamente impresso, de cuja leitura ressalta o valor de quem o subscreve, motivo por que gostosamente felicitamos os seus autores, crentes de que saberão honrar, pelo seu trabalho e estudo, as tradições brilhantes da Anatomia portuense.

H. M.

JAIME LOPES DIAS — *IV Congresso e Exposição regional das Beiras. Castelo Branco* — XLVIII. 611 págs. e 169 grav. Famalicão. 1931.

O grande e excelente volume organizado pelo dr. Lopes Dias constitui não só um monumento ao *IV Congresso Beirão*, realizado em 1929 na cidade de Castelo Branco, como à série de congressos reunidos em Viseu (1921), Coimbra (1923) e Aveiro (1928), pois transcreve as conclusões das teses apresentadas aos três primeiros. Ganhando assim em unidade, apresenta abundantíssimo material para o estudo do fomento; instrução; problemas administrativos sociais e económicos; agricultura, comércio e indústria das Beiras, pois tantos eram os grupos em que se dividia o Congresso. Esta documentação valiosa ocupa a maior parte do volume (Cap. II. pp. 75-467), e dificilmente pode ser resumida. No campo da etnografia encontram-se teses sobre museus e bibliotecas regionais, por A. Viana de Lemos; Rendas e bordados da Beira, por D. M. Júlia Antunes; e Castelos, antiguidades pre-históricas, monumentos, regionalismo, etc., de H. Beça, A. Girão, F. Almeida Moreira, dr. Leite de Vasconcelos, etc.

Além do Relatório preliminar, completam a obra um capítulo sobre o Congresso, outro sobre a Exposição, referências da imprensa e índices.

R. S. P.

ARMANDO DE MATOS — *A Psicologia do «Ex-Libris»* — Edição da «Miscelânea», Oeiras, 1931.

Das legendas dos «Ex-Libris», de que é um colecionador infatigável, depreende o A. aspectos psicológicos dos seus possuidores. Algumas divisas exigem uma interpretação, nem sempre fácil. O trabalho consciencioso do sr. Armando de Matos fornece-nos indicações interessantes sobre certas personalidades históricas portuguesas e outras contemporâneas de nomeada no nosso meio. Aspirações nobres, modéstia sincera, religiosidade, filantropia, desinteresse, mil feições morais análogas ali se desenhavam. Mas não faltam o orgulho, a falsa modéstia, o scepticismo. É uma revista curiosa de almas.

M. C.

OSÓRIO DE OLIVEIRA — *Geografia Literária* — 1 vol., Coimbra, 1931.

Este livro tem de direito um lugar na crónica bibliográfica da nossa revista e não apenas nas das revistas literárias ou dos jornais. É que, além do seu aspecto, para nós naturalmente menos interessante, de crítica sadia, lúcida, sóbria e subtil a muitos homens de letras portugueses e brasileiros, a *Geografia literária*, como o título indica, relaciona os escritores e os seus livros com os meios, tanto com os meios físicos como com os meios étnicos. É precisamente este curiosíssimo aspecto do livro que deve particularmente ser destacado nas páginas duma revista de antropologia e etnologia.

Literatura do exílio, literatura de exotismos, literatura de viagens, literatura colonial, são temas focados com brilho e poder sugestivo pelo autor, que um elegante prefácio do prof. Joaquim de Carvalho diz com justiça «um talento promissor... de compreensivo senso crítico», dêsse senso crítico que é «a flor rara dos nossos tempos passionais».

Assinalemos, pelo interesse particular que nos merecem, as suas observações sobre o dialecto e o folk-lore cabo-verdeanos, a propósito dos poetas Eugénio Tavares e José Lopes, respectivamente o poeta da Brava, que faz versos em crioulo como em português, e o poeta de Santo Antão, de quem o autor reproduz um formoso soneto sobre a dança e canções chamadas *morna*, termo que, segundo Lopes, vem do «mourn» inglês, isto é, signifi-

fica «dolência e pranto», a languidez, a dor da raça, etc., e não como se supõe geralmente, tepidez, «brando calor».

Sem discutir a teoria, Osório de Oliveira salienta o ambiente de compreensão e simpatia populares que os dois poetas teem em Cabo Verde. São Vicente acolheu-os há anos com uma grande manifestação popular, aos gritos de «Vivam os nossos poetas!» Era a identificação, com a arte destes, do sentir profundo do povo.

A etnologia tem na literatura um amplo campo de pesquisa e colheita. Mesmo em escritores duma cultura e tendências mais requintadas se manifestam inesperadamente virtualidades étnicas de sumo interesse.

Vivas felicitações ao sr. Osório de Oliveira pelo seu livro de tão atraente leitura e em que, de modo tão feliz, se põe em evidência um dos aspectos mais importantes da crítica literária.

M. C.

